



## TRIBUNA DE COIMBRA

# Os Pobres são um tesouro precioso

A insistência do telefone e a delicadeza da situação exposta levaram-me por aí abaixo rumo a Lisboa. Meu companheiro de viagem, o Sandro. Enquanto rodava veloz, absorto pelo motivo que me conduzia, revivi momentos inesquecíveis de quando ele se tornou nosso.

Pareceu-me voltar ao bairro onde nasceu e cresceu até aos nove anos — a Musgueira Sul. Voltei a apreciar os traços de solidariedade — timbre dos bairros habitados pelos Pobres — que à volta dele encontrei. Toda a gente conhecia o «caso» e chorava o infortúnio que se abatera sobre esta pobre mãe. A situação dos outros filhos reforçava mais este espírito de entre-ajuda. No coração dos verdadeiros Pobres há um jeito especial de considerar os demais na sorte, um pouco mais flagelados e merecedores de maior compreensão: «Ela bem merece ser ajudada...». Foi assim que ele veio comigo numa despedida que me envolveu em dor e compromisso.

Ficara-me sempre na alma a dor desta separação e o infortúnio que o fizera nascer para nós. Era precisamente pela mesma causa que estava a caminho de um grande hospital de Lisboa, onde há vários meses, internada, a mãe do Sandro ali consome o seu calvário. Tocada por doença fatal, foi ultimamente acometida por uma trombose que a deixou praticamente imobilizada na dependência e mergulhada no sofrimento.

A doença só lhe deixou no rosto luz suficiente para voltar a ver o seu menino. Nem os tratamentos de quimio-

rapia lhe tiraram esse brilho que nem a morte apaga no coração e nos olhos das mães.

Foi o que eu vi quando eles se encontraram. Um quadro cheio de beleza e riqueza humanas: «Os homens não choram, meu filho!...» Safu-lhe, assim, do coração, querendo arrancar da alma do seu menino a tristeza que só a alma dos homens deveria chorar: «Olha que eu não duro muito... Faz-te um homem!» Expressa-se assim enquanto o dedo trémulo apontava a enfermaria ao lado — de infecto-contagiosos — onde outro filho seu se encontra.

No meu regresso senti uma enorme alegria por este encontro. Não se regressa de junto dos Pobres sem trazer no coração o timbre de um profundo saber de Deus e do homem.

Compreendo melhor porque é que muitos dos que nos visitam regressam exultantes com o que vêem. É a simplicidade, a alegria, o mistério: Jesus escondido. E o Pobre ou aquele que sofre de algum modo, sua expressão sublime.

O Sandro é uma promessa de futuro que me consola. Agora mais comprometidamente: «Torna-te um homem!» No contacto com o sofrimento daquela mãe; de toda aquela família estigmatizada por dores várias que humilham o homem do nosso tempo, experimenta-se uma proximidade muito forte de Jesus e o dogma se torna mais perceptível.

Não fossem os Pobres um precioso tesouro confiado por Jesus à sua Igreja!... «Sempre os tereis convosco...». Eles, agora e sempre, um poderoso corrector na vivência da fé como atitude pessoal e eclesial.

Padre João



Os «Batatinhas» de Miranda do Corvo

## MALANJE DIA-DIA

2/9/94

Não há nuvens no céu. Uma claridade que se reflecte na verdura do planalto!

Como a guerra?! Tão doloroso ver as mãos estendidas aos aviões que chegam... Isto no meio de tantas riquezas! Terras férteis; abundância de chuvas, rios e lagos; tesouros no subsolo; fartura do mar; e pastagens bastantes para milhões de animais.

Morreu o Filipe. A tuberculose apanhou-o e foi um ai. Todos os mais velhos destas sanzalas vizinhas já foram. As próprias casas e cubatas — a quem roubaram os telhados de chapa — estão caindo uma a uma. Um deserto sem nome...

4/9/94

Há quarenta e cinco anos que Padre Henrique deixou a sua Holanda e veio para Angola.

Celebrámos há dias as suas bodas de ouro. Ouro puro que brilha em estrelinhas em cada dia da sua doação! A Sé ficou cheia! Missa vivida com

alma, gestos e cânticos. Lágrimas de alegria também. Na homilia ele disse:

«Não é o meu louvor, a minha glória, somente a glória e o louvor de Deus! Unicamente, Ele. Nós instrumentos do Seu amor em todos os dias da nossa vida terrena. Não há mais — só o Senhor!»

Depois da Eucaristia fomos ao hospital distribuir o almoço (que seria da festa) aos doentes. Sinal-testemunho, cheio de amor e beleza.

Entrega e serviço! A vida toda! Fez já 75 anos e vai continuar!

Os seus pais deram às Missões quatro sacerdotes e uma irmã religiosa. Todos membros da Congregação do Espírito Santo. Os próprios pais se tornaram membros. E, acontecimento comovente, foi no dia da festa do Pentecostes que o Divino Espírito Santo levou para o Céu aquela mãe que Lhe deu tudo.

7/9/94

Logo cedo esperei boleia no aeroporto. O céu tapado

por capacete de cacimbo. Sentado num vão-peitoril de janela, um menino comia tranquilo farinha de soja dum saquito de plástico. Silencioso e pacífico...

Entreí:  
— És de Malanje!  
— Sou de Cambaxe.  
— Vives com tua família?  
— Todos morreram.  
— Onde vives?  
— Durmo aqui mesmo.

O edifício do aeroporto não tem portas nem vidros. Cobertor de cacimbo — pensei. Ao olhá-lo, de novo, saíam duas lágrimas mansas.

Chama-se António Gaspar.  
— Quando vier de Luanda vais ter comigo — disse-lhe. Acenou que sim.

10/9/94

Queimadas! Milhares e

milhares de hectares de capim são consumidos pelo fogo... A riqueza e beleza que seria se eles tivessem servido de pasto a milhares de vacas...

Manas-Unidas na sua «Campanha contra a Fome» contemplou-nos com três milhões seiscientos e vinte e cinco mil pesetas para a compra de vacas.

Logo que chegue a paz elas

virão — com raminhos de oliveira — para pastarem tranquilas nos nossos parques.

A carne e o leite! Sonho que se converterá em realidade.

Há ainda muito gado no sul. Os camiões vão trazer.

Abençoada seja a Campanha Contra a Fome nas mãos de Manas-Unidas!

Padre Telmo

## Escola

ESTA segunda-feira de fazer o jornal coincide com a abertura das aulas.

Antigamente (nem mesmo tão antigamente como quando a «Escola era risonha e franca») começava um tempo de acalmia após a natural movimentação das férias. Abria-se um horizonte de esperança no progresso dos pequenos cidadãos para quem a Escola é. Insucessos sempre os houve e haverá. Mas o insucesso escolar não existia no léxico da Instituição Escolar nem constituía

preocupação para os que regem este pelouro da *res publica*, tampouco para as famílias que têm seus filhos na Escola.

E até havia fome! E longas distâncias a percorrer! E ausência de transportes! E falta de aquecimento!... Mas então o que é que havia e agora não há, com várias destas lacunas felizmente bastante melhoradas?!

Deixo esta pergunta a quem souber ou quiser responder-lhe e continuo a desabafar.

Agora esta época de iniciação do

ano lectivo é um tempo desgastante. Primeiro que tudo corra em velocidade de regime; primeiro que se conciliem os interesses em jogo; primeiro que todos os lugares estejam preenchidos e desapareçam os hiatos no horário escolar... — meu Deus, quanta inquietação para quem tem muitos filhos em quase todos os níveis de escolaridade e em diversas Escolas!

Nas Casas do Gaiato a expressiva maioria da sua população sempre

Continua na página 4

## Conferência de Paço de Sousa

**ESTUDANTES POBRES** — Nesta altura do ano, batem à nossa porta Pobres sem disponibilidades materiais para acorrer às necessidades escolares dos filhos.

Obviamente, os estabelecimentos de ensino não podem acudir imediatamente, pela burocracia, pela falta de verbas, etc. Por isso, os alunos mais pobres, com falta de material didáctico, ficam sujeitos a estes impasses.

Nós somos dum tempo em que não havia tantas larguezas... Integrávamos um largo espectro de cidadãos que, por razões materiais, nem sempre poderiam seguir uma justa carreira académica ou profissionalizante.

Bendito Ensino Técnico (que já foi...), talvez a maior vítima de iluminados pedagogos reformistas! O País sofre, sofrerá por muito tempo, a sua extinção.

Estará desactualizado desde o pós-guerra mundial. Mas era um Ensino estruturado — nos seus quadros e programas. Em vários aspectos, ultrapassaria a *bagagem* (prática e teórica) do actual 12.º ano... Ora os cursos complementares das antigas Escolas Técnicas — que nunca deram o benefício de passagens administrativas... — para fins de ordem oficial só equivalem hoje ao actual 11.º ano de escolaridade!

Ainda há Professores vivos que se davam às suas tarefas por missão e por cujas mãos passaram muitas gerações de estudantes, hoje empresários, quadros médios e superiores da vida sócio-económica do País.

Um deles (Professor), que Deus já levou, naquele tempo poderia abancar-se em bons *tachos*, mas tanto se dedicou aos alunos que foi o grande motivador da criação duma Faculdade da Universidade do Porto, que mantém, há cerca de cinquenta anos, grande prestígio entre as restantes. Foi mais um Homem que nos marcou pela sua Humildade...!

**PARTILHA** — Setúbal: «Mando três contos à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, com todo o gosto e carinho, referentes ao mês em curso (Agosto). A 'Avó dos cinco netinhos' deseja a bênção do Senhor para todos».

De Ermesinde, oferta anónima, em casal: 5.000\$00 «para os Pobres mais pobres» e «por diversas intenções que Deus sabe». Basta que Ele saiba!

Ovar: cheque do assinante 42971, cujas intenções cumprimos.

«A única consolação que posso ter — sublinha a assinante 31104, de Lisboa — é estar condescida de que amando os que perdi, amo ao mesmo tempo os que precisam: os Pobres.»

«Uma portuense qualquer» manda cinco mil, em 17 de Agosto, e não sabe «se estas migalhinhas mensais chegam ao seu destino». Se não for maçada, faça o favor de enviar os óbolos pelo correio, para Paço de Sousa: Muito obrigado.

15.000\$00 da assinante 4456, da Covilhã: «Os Pobres precisam muito duma pequena lembrança para o que for mais preciso».

# Pelas CASAS DO GAIATO

Cinco mil, da assinante 28966, da Ericeira. Dois mil, do Elísio (assinante 1953) que colaborou connosco. A *vitamina* que o Senhor lhe deu, frutificou.

Porto: assinante 13329 com trinta mil, «pequena importância destinada à vossa Conferência que muito admiro». Há tantos anos!

Assinante 57002, de Matosinhos: «Uma ajuda para os Pobres. Embora pequena — as necessidades parecem cada vez maiores — é dada com carinho por aqueles que precisam. Uma oração por mim e pela minha família».

Mil e quinhentos, do assinante 13213, do Porto. Onze mil, do casal-assinante 11902, do Fundão. Trinta mil, duma «assinante de Paço de Arcos — com saudações fraternas e muita amizade».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**AULAS** — Já começaram para todos. Agora, os estudantes têm que se agarrar ao trabalho e estudar. Também irão mais rapazes estudar para o Porto. Bom ano lectivo.

**MUDANÇAS DE TRABALHO** — Como todos os anos, as mudanças efectuam-se sempre nesta época. Uns mais contentes do que os outros que ficam em trabalhos mais difíceis. É o caso da vacaria, um trabalho normal, mas um pouco pesado e bastante fedorento.

**FRUTA** — Já começámos a vindima. As uvas estão quase todas boas. Os castanheiros carregados de castanhas. Esperamos que durem até à recolha para o nosso magusto. As pereiras e macieiras continuam como sempre... À sobremesa comemos muita pêra e maçã.



«Batatinhas» da Casa do Gaiato de Moçambique

**CARPINTARIA** — Muito trabalho. Estão a arranjar as janelas do salão que serve para guardar as coisas para as nossas Casas do Gaiato d'África.

**TEMPO** — Pois é, deixaremos de ver aqueles dias lindos de Verão. Agora são mais cinzentos e escuros. Já notamos o Inverno ao longe. Sempre chuva e algum frio.

**VISITAS** — Continuamos a receber muitas. Elas não se importam com o tempo!

«Vitinho»

**DOR** — É um sentimento humano que sentimos quando estamos doentes ou pela falta de alguém de família que parte para a Casa do Pai.

A dor chegou a um irmão nosso, o Fernando Silva («Rebuçados»). A sua mulher faleceu num lamentável acidente de viação, em Melres.

O funeral realizou-se no dia 12 de Setembro, na igreja de Melres.

Em nome da comunidade, aqui ficam os nossos sentimentos.

**CARAS NOVAS** — Esperam-se onze miúdos, vindos de vários pontos do País.

Já chegaram seis: O Carlos Manuel, que tem cinco anos, Marco Filipe, doze; são irmãos e vieram de Mondim. O Ricardo Sérgio, seis, e o Hugo André que tem dez, ambos de Lisboa. Ainda, o Victor com sete anos e o Filipe com dez, vindos do Ligares.

Tudo indica que vão conseguir adaptar-se a esta nova vida. Boa sorte miúdos.

**DESPORTO** — Começámos a época futebolística, no dia 10 de Setembro. Alguns atletas ainda sentem as férias nas pernas, por isso o primeiro treino foi leve.

O treinador recomendou aos jogadores que, nesta época, trabalhassem mais do que na anterior. E também pediu muita concentração e disciplina dentro e fora do campo.

No dia 18, fizemos o primeiro jogo. Foi um jogo treino. Defrontámos um grupo de Lousada. Resultado final: 15-0. A nosso favor.

Caso alguma equipa nos queira defrontar é favor contactar o Grupo Desportivo

da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel, ou pelo telefone (055) 752285 ou ainda pelo Fax 753799.

Repórter X

## Notícias de Moçambique

É sábado, fim de uma semana que vai denunciando o fim do cacimbo africano e abrindo o apetite de um passeio até ao mar. Alvorada às quatro da madrugada para que o farnel seja confeccionado, as limpezas em toda a Casa sejam feitas e bem e a família gaiata abandona a Massaca a caminho da Costa do Sol na cidade de Maputo.

São nove horas e tudo corre, salta, nada, joga à bola, enfim é um dar largas a algo que era esperado há muitas semanas. Quando o cansaço e apetite se

juntam é de montar o local para saciar as cerca de cem bocas que esperam ansiosamente. Calmamente e em ordem todos são servidos e, a pouco e pouco, a alegria e felicidade vão aparecendo naqueles rostos que ainda há bem pouco tempo frequentavam aqueles mesmos sítios na pedincha e na procura de tudo o que desse para trincar.

Sou convidado pela Irmã Quitéria a uma visita e para tal servir de motorista, sem imaginar para onde e para quê. Dou por mim no Bairro de Mavalane, muito populoso, junto a uma casa simples e pobre muito arrumada e limpa. Entramos e somos recebidos por uma senhora com vestes que me levam a ver nela — sem nada de pareências físicas — a Irmã Teresa de Calcutá. Ela nos mostra e explica o que é aquela casa a abarrotar de berços e caminhas, tudo cheio e com uma longa lista de espera. São crianças subnutridas, muitas delas vindas dos Hospitais onde foram salvas e aqui ingressaram por não terem família nem quem delas queira saber. São alimentadas, tratadas de todos os males. Mas depois? Não têm espaço para poderem continuar a viver naquela casa. Fora da cama, é tudo tão apertadinho que a saída é a porta.

É aqui que me encontro com a razão da viagem ao desconhecido. É o Augusto mais o Filipe que passam a fazer parte da nossa família e nos são entregues com dificuldade — porque não sofrimento? — na altura do corte do cordão que liga aquela família, mais ainda o Augusto que ao abeirar-se da Toyota entra em pranto tal que os corações estalam. O mundo desconhece o belo da Vida e tão poucos a sabem viver.

Novamente junto ao mar, com mais dois na comitiva que passam a ser o «ai Jesus», embora o Augusto continue a chorar apesar de muitas festas e atenções. Fim do dia, fim da festa e de novo em Casa.

Não esquecerei mais este sábado de Agosto por aquilo que estes dois meninos me proporcionaram ver e ouvir e por ser o último que passei em terras de Maputo.

Quim «Carpinteiro»

## Malanje

**DESPORTO** — Temos realizado poucos jogos por falta de equipamento e chuteiras. Desta vez, os nossos irmãos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa enviaram alguns pares que poderão servir nas nossas práticas desportivas, apesar do número insuficiente e também devido aos números maiores que poderão servir aos maiorzitos (os médios), que constituem grande parte da nossa equipa. Paciência, desta vez tivemos pouca sorte, mas temos esperança de que, na próxima, a coisa será outra.

**TRABALHO** — Um dos pontos mais fortes da nossa comunidade é o trabalho. Pois, ele faz parte da nossa formação e da vida do nosso dia a dia. Várias são as actividades realizadas pelos nossos rapazes para manter o nosso refúgio organizado de modo a tornar a vida mais estável. Temos uns na arrumação da casa (limpeza e

## Casas do Gaiato de Angola

Os ex-gaiatos das Casas de Benguela e de Malanje, residentes em Luanda, têm seguido com bastante interesse os esforços desenvolvidos pelos Padres Manuel António e Telmo, no sentido de reactivarem a Obra da Rua em Angola.

Nós que vivemos neste País tão conturbado, face à persistência dos homens em fazerem a guerra, não podemos deixar de reconhecer que somente um grande amor à Obra de Pai Américo poderia tornar possível uma tal aventura. Quando em 1991 se ensaiaram os primeiros passos para a reabertura das Casas do Gaiato, jamais se havia imaginado que um tal empreendimento teria de atravessar tantos obstáculos.

Em Angola vive-se uma guerra feroz. No campo de batalha são utilizadas as armas mais modernas e mortíferas. Como consequência, um País que todos reconhecemos ser bastante rico em recursos económicos, tem no entanto um

Povo que se encontra no limiar da pobreza absoluta. Houve eleições e o Povo acreditou que finalmente tinha encontrado o caminho da paz e da concórdia. Porém, não foi isto que os políticos entenderam. As armas voltaram a falar mais alto do que a voz da razão.

Para um universo de dez milhões de habitantes, existem actualmente três e meio milhões de deslocados. Há que ter ainda em consideração o número de cidades sitiadas, cujas populações recorrem aos métodos mais primitivos de sobrevivência por causa das ajudas humanitárias, irregulares.

É neste clima bastante sombrio que se está a reerguer a Obra da Rua, em Angola. É necessário que não se deixe morrer esta chama, pois que no pós-guerra muitas crianças e jovens precisarão do amparo das Casas do Gaiato.

David Eduardo

# BENGUELA

## Duas cenas

O nosso dia é feito de acontecimentos pequeninos, mas cheios de significado. Logo de manhã, foi a notícia alegre, trazida pelo «Quinta», do nascimento de dois cabritinhos. Formou-se, de imediato, um cortejo em direcção ao curral, para presenciar o facto. O mais interessado era o «Kandimba», o nosso rapaz mais pequenino, um nadinha maior que os dois recém-nascidos. Saltava por todos os lados. O repórter fotográfico também lá esteve, a tirar a fotografia do estilo com os dois «bébés» ao colo dos rapazes. Enfim, um acontecimento que pôs em movimento quase toda a Aldeia. A cabra e os filhos ficaram bem, embora muito assustados com a movimentação que viram à sua volta. A fotografia não pode seguir, por enquanto.

Dias antes, vi uma cena de garotos com armas na mão, simulando exercícios militares. Fiquei arripiado. Associei, de imediato, as duas cenas: uma a retratar a preparação para a vida numa Angola nova; a outra a falar de destruição. As crianças vivem neste campo de batalha, em que as forças do mal são tremendamente agressivas e destroem a sua sensibilidade moral. Se não houver um acompanhamento muito atento, a sua recuperação torna-se duvidosa. Há um contágio. O ambiente que as crianças respiram é de *candonga*. Basta sair à rua e ei-las,

aos montes, a fazer negócio. Não há regras morais a balizar a vida destas crianças. Grande parte da população adulta vive do mesmo modo. Daí a necessidade da presença constante junto delas e da palavra que leva uma luz nova para a formação da sua consciência.

O trabalho à sua medida; o contacto com a natureza, com os animais, é remédio que previne e cura. Os centros de interesse saudáveis ocupam as suas cabeças e os corações tornando-os acolhedores da semente do bem. Quem dera que as crianças tenham sempre quem as ponha a brincar com os cabritinhos e não com as armas para matar!

## Invasão das ruas das cidades por crianças

Vou dando conta das aflições dos responsáveis, a nível da governação, perante as situações criadas pela invasão das ruas das cidades por crianças de tipos diferentes. Há as que não sabem dos seus familiares que ficaram em zonas de guerra, enquanto elas conseguiram fugir com outras pessoas. Há as que têm família, mas são lançadas na rua como pedintes ou em pequenos negócios. Há aquelas que, de verdade, não têm nada e ninguém. Que tipo de instituições para estas crianças? Que acções a desenvolver?

Há um elemento comum a todas elas: a falta da família, na prática. De modo que qualquer resposta que se queira dar, com carácter transitório ou permanente, deve ter em conta o padrão familiar. Se aqui têm muita importância as estruturas físicas, os meios humanos vão à frente. Quando se chega a este ponto, os projectos ficam parados. Falei, na última crónica, da intenção dum grupo de construtores de recuperarem um edifício, em Benguela, para a criação da rua. Quando foram à procura de quem iria tomar conta não encontraram ninguém. E o projecto ficou-se. Não mais ouvi falar dele. Haja pessoas dispostas a gastar a sua vida por amor destas crianças e o primeiro passo está dado. Enquanto não, continuarão a surgir iniciativas de momento, mas sem futuro. É o que nos diz também a experiência destes últimos tempos.

• Chegou-me, há momentos, a notícia de que o açúcar, em casa, tinha acabado. É um outro acontecimento pequenino da nossa vida. Não sei ainda, a estas horas da noite, aonde o irei encontrar. Logo de manhã espero ter mais luz. É que estes filhos já estão habituados a ter um pouco de açúcar na comida do pequeno-almoço.

• O edifício da escola não está a andar. No meu coração, sim. Continuo sem saber onde estão os materiais de construção. Se os tivéssemos à mão... A paciência é a resposta.

Padre Manuel António

# Património dos Pobres

## Mais uma testemunha...

Pela posição que ocupa na Sociedade Portuguesa, D. Maria Barroso declarou em entrevista:

«A Família continua a ser a célula da Sociedade. Ainda não se inventou nada melhor.

Que se pode exigir a uma família, por exemplo, que vive numa barraca em condições de promiscuidade?

É muito difícil funcionarem as famílias nessas condições. Como sempre tenho dito, um dos problemas mais graves é o da habitação. Sem condições de habitabilidade, sem uma casa decente, sem possibilidade de a família estar instalada com um mínimo de comodidade, não há possibilidade de funcionar bem. Numa barraca, ou numa casa exigua, em que as crianças têm de dormir com os pais ou com outros membros da família, em condições de promiscuidade terríveis, surgem, naturalmente, problemas muito graves. Tenho visitado instituições que recolhem crianças maltratadas, violentadas, abandonadas e uma grande parte delas vêm de famílias nessa situação.

Para celebrarmos o Ano da Família temos que, antes de mais, fazer uma reflexão sobre se estamos ou não estamos a cumprir o que a Constituição determina. Ver o desemprego que já temos e que cada dia tende a agravar-se, a situação da família piora. Um homem ou uma mulher desempregados, muitas vezes recorrem ao álcool, à violência ou a actos de desespero... É o velho ditado: Casa em que não há pão, todos ralham, mas ninguém tem razão.»

## ...qualificada

D. Maria Barroso é membro de muitas Associações Humanitárias. Tem percorrido muitos caminhos dos homens. Tem presenciado muitas vidas em situações desumanas. Tem autoridade e deve afirmá-la — para dizer ao Estado e à Sociedade:

«Que terá de cumprir o que está escrito na Constituição: dar condições de habitabilidade, dar apoios financeiros às famílias em situação de crise, dar a possibilidade das crianças serem alimentadas convenientemente e terem acesso à educação.»

Tanto se tem dito, tanto se tem escrito, tanto se tem prometido, e... pouco se tem feito.

Que não haja barracas. Que desapareçam os abarracados. Que todos possam viver como seres humanos. Que todas as famílias tenham o seu ninho decente. Que bom seria se pudéssemos esperar tudo isto com confiança!

Padre Horácio

## Problema que nos preocupa

É forçoso, nesta altura, falar do ano escolar. Está a começar. Muitas esperanças se depositam nos meses que vão decorrer. Quantos vão aproveitar? Neste domingo pedimos a Deus as bênçãos para os professores e alunos.

Um dos problemas que mais nos preocupa nas nossas Casas é a escolaridade dos nossos rapazes. A razão está à vista. Embora não seja só, nem fundamentalmente a escolarização que dá dignidade ao homem, é verdade que nos encontramos numa sociedade escolarizada onde as habilitações literárias têm um enorme peso para se poder ganhar o pão nosso de cada dia. Atendendo aos antecedentes, a grande maioria não está minimamente motivada para a escola, mas apesar de tudo, um grupo bem razoável consegue seguir, com algum atraso, é certo, o andar do sistema lectivo. Fica um resto. É este resto que mais dores de cabeça dá, que está sempre presente quando tentamos vislumbrar o futuro deles.

Temos feito várias experiências na tentativa de ultra-

# ENCONTROS em Lisboa

passar as dificuldades de aprendizagem. Há três anos que dura uma dessas tentativas que parece ter resultado positivamente. Pedi audiências em escalões de decisão no Ministério da Educação. Parti cheio de esperança numa solução. Voltei mais desiludido. Fiquei a saber algumas coisas tão interessantes quanto irresponsáveis: compreendem o nosso problema mas não há soluções legais; o ensino até ao 9.º ano é como antigamente o jardim de infância — deixe-os andar mesmo que não façam nada; quando terminarem a frequência dos nove anos de escolaridade, o problema é do Ministério do Trabalho.

Claro que não ando à procura de privilégios. Gostaria de

sensibilizar os nossos legisladores e homens de decisão para o facto de haver entre os cidadãos portugueses grupos, e não são só os que se encontram na Casa do Gaiato, que merecem ser tratados como pessoas mesmo que não atinjam o padrão normal para quem são feitas as leis gerais. No encontrar de soluções para estas excepções se vê a sensibilidade de uma sociedade. É que a luta pelo desenvolvimento e ruptura com as situações reprodutoras da miséria passa pela capacidade e liberdade de encontrar para cada caso a solução adequada. Depois deste encontro, fiquei com a convicção de que não estamos ainda aí. Dias virão... Que Deus nos vá dando coragem quer a alunos quer a professores.

## Agradecimento

As férias terminaram. Houve pessoas que prescindiram de algum tempo das suas, para nos virem ajudar, quer na praia quer em Casa. Muito obrigados à Teresa, Filipa, Margarida e Manuela e um beijo, sobretudo com o carinho dos mais pequenos.

Padre Manuel Cristóvão

roupa), outros na marcenaria e os grandes vão diariamente à oficina aprender mecânica. Tudo isso é em prole da Casa e do futuro de cada uma das nossas crianças. Além disso temos também alguns animais, apesar de termos perdido toda a criação na nossa Casa do Gaiato. Ficámos com uma porca quase como que uma bênção de Deus. Pela primeira vez deu cinco crias e pela segunda, onze. Das primeiras cinco, já abatemos uma que consumimos no aniversário do nosso Pai Américo a 16 de Julho. Reconhecemos também o esforço do Oliveira e Adão que tratam dela com dedicação e carinho.

**TRANSPORTE** — Ficamos bastantes gratos aos nossos irmãos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa que nos enviaram duas bicicletas para as nossas necessidades. Servirão para as pequenas viagens e para os nossos divertimentos.

**ESTUDO** — Este é o ponto fulcral da nossa Obra. Ninguém poderá ter o seu futuro realizado se de facto é alérgico aos estudos. O ano académico está praticamente no fim e o objectivo de todos é ficarem bem nos exames; isto é, passar à classe seguinte como fruto daquilo que cada um semeou durante o ano lectivo.

**OBRAS** — No Seminário encontrámos um salão quase abandonado, mas o nosso Padre Telmo conversou com os padres do Seminário. Deram sem hesitação. Pusemos mãos à obra e conseguimos recuperá-lo, dividindo-o em três partes: duas camaratas e uma sala de recreio.

**LAVAGEM DA ROUPA** — Temos quatro senhoras que lavam a nossa roupa e uma que orienta certos serviços domésticos: passar a ferro, arrumar de camas, etc.

**FUGAS** — É raro fugirem da nossa Casa, por esta ou

aquela causa. Até à reactivação da nossa Casa só tivemos um caso. Mas estamos com os braços abertos para esse rapaz.

Nelo



**18º CONVÍVIO** — Quando nos dias 27 e 28 de Agosto nos reunimos em Coimbra, foi para partilhar algo que nos vai na alma e poderemos dizer que nesta comunidade há vida. E quando esta mesma comunidade encontra espaços vitais para festejar, na alegria, no convívio e no trabalho, a razão do seu ser comunitário, com mais razão afirmamos que este grupo viverá e crescerá.

Pai Américo e a Obra da Rua são a razão da nossa união.

Casa do Gaiato de Malanje e Padre Telmo são o motivo do nosso amor fraterno e saudosos de um povo tão sofrido como o do continente africano.

Alguns deslocaram-se centenas de quilómetros apenas para almoçar e marcar presença; outros deixaram familiares doentes em suas casas mas estiveram na confraternização; também por doença ou motivos profissionais e familiares, mandaram comunicar a razão de tão grande falta, três dos nossos irmãos; outros, porém, limitaram-se a não querer olhar a noite como se o sol não estivesse presente.

Muito obrigado ao nosso Padre Horácio que, durante dois dias, nos acompanhou, celebrou a Santa Missa e, no momento das intenções, não esqueceu as Casas do Gaiato de África, seus Padres e todos aqueles que sofrem os horrores da guerra e da fome.

Ao nosso Padre João agradecemos a sua simpatia e a cedência, mais uma vez, do Lar de Coimbra. Que bom termos quem nos ajude a

acomodar as esposas e crianças.

Falcão e Tavares tudo fizeram para que nada faltasse aos seus irmãos. Não ficaram tristes e sentiram a alegria da simplicidade de uma reunião como Padre Telmo sempre desejou para os seus filhos.

Tomás e Nelo vão alinhar o próximo encontro com o mesmo entusiasmo e a mesma alegria. Oxalá o nosso Padre Manuel Cristóvão ajude a saborear a bela paisagem de Sintra. Não queremos perturbar o quotidiano dos rapazes e, por isso, solicitamos apoio nas instalações dos lares e casas de praia das nossas Casas do Gaiato.

Já temos um emblema identificativo dos nossos encontros. A Marília, esposa do Nelo, ficou responsável pela distribuição a todos os que, por vários motivos, faltaram ao convívio.

Temos dois irmãos, em Luanda, que sofrem as amarguras de uma habitação indigna de um ser humano; um telhado. Decidimos ajudá-los com uma pequena quantia retirada da nossa modesta conta bancária.

Que Padre Telmo nos perdoe, mas este dinheiro é para todos os nossos irmãos em dificuldade, independentemente de contribuírem ou não para a dita conta. A Emília foi a portadora e responsável por fazer chegar esta «telha» a Malanje.

Que o nosso Padre Telmo se desloque ao Muceque Palanca, saboreie uma boa «funjada» com os nossos dois irmãos, «Primo Velho» e Rangel, e lhes faça a entrega deste nosso, tão pequenino, sinal de amizade fraterna.

Padre Telmo, os seus filhos a residir em Portugal pedem que avise sempre que se desloque a este País. Apenas querem dar-lhe um abraço e que leve outro tanto para os nossos irmãos e para a nossa Aldeia.

Como ao cronista habitual desta coluna não foi possível a sua presença em um dos dois dias do nosso convívio, alguém o convidou para um almoço familiar e, assim, esta crónica, não deixou de fazer parte integrante dos nossos encontros.

Pedro Grise e Manuel Fernandes

# Família

## Festa

Foi o casamento do Paulo e da Sílvia. O povo de todo o mundo — especialmente os «mentores» de certas ideologias — deviam estar presentes nesta nossa Casa. Colheriam aqui resposta para muitas questões postas na Conferência do Cairo.

Algum tempo antes começou a preparação da festa. Ultimaram-se as obras e limpou-se o salão. Os jardineiros ainda alindavam mais os jardins. Foram lavadas as paredes da cozinha e corredores de acesso. O grupo dos cantores ensaiou diariamente.

Nos dias anteriores o reboliço aumentou. O rapaz chefe-artista tomou conta da cozinha. Abriam-se de par em par as portas da despensa. O vai-vem começou a caminho do armazém. A cozinha tornou-se uma exposição de curiosos a admirar as coisas boas que dali saíam.

O chão da Capela foi bem esfregado e encerado. As paredes exteriores pintadas há pouco e calçadas limpas do pó com a máquina a jacto. O grupo das limpezas pôs todo o seu cuidado no asseio da Casa e das ruas. A Capela foi enfeitada a gosto. A noite todos se reuniram para combinar melhor o dia seguinte. Seguiu-se o tempo de oração. Estiveram presentes dois confessores para atender os que desejavam. A meia-noite, já com as mesas postas, todos se foram deitar.

## O grande dia

A sineta tocou meia hora mais cedo. Todos vestiram as melhores roupas. Era o

dia da festa. Pouco e pouco se foram dirigindo para o largo de entrada. O noivo misturou-se com a multidão.

À hora estalou uma longa salva de palmas. Era o cortejo com a noiva. A Capela encheu e começou a celebração da Eucaristia. No momento próprio os noivos proclamaram a Palavra de Deus que escolheram e se comprometeram a seguir-La toda a sua vida:

«Não é bom que o homem esteja só: vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja igual.»

«O homem deixará seu pai e sua mãe para se unir a sua esposa e serão os dois uma só carne.»

«Não separe o homem o que Deus uniu.»

O celebrante explicou à assembleia o significado da Palavra de Deus. O Matrimónio é um caminho de felicidade. É uma comunidade de amor entre os dois e com os outros. O Freitas irá continuar a ser o mestre-ajudante da nossa tipografia. É um contrato para sempre.

Finda a cerimónia, foram as fotografias. Um nunca mais acabar!

Sala de jantar requintada e todos à espera. Chegaram os noivos e começou o banquete.

No meio de todo o movimento o responsável da comunidade dizia com convicção: «Se não fosse tudo isto, não seria uma autêntica festa de família.»

Ao fim do dia todos se reuniram no salão e terminou ao toque de música. Dia de festa!

Padre Horácio



Casamento do Paulo e da Sílvia

# Escola

Continuação da página 1

passou pelas Escolas. Agora, com a escolaridade obrigatória de nove anos, podemos qualificar de esmagadora essa maioria. Congratulamo-nos com esta obrigatoriedade. Só é pena que ela, *verdadeiramente*, não valha o que parece. Não vale na objectividade da instrução. Não vale na qualidade da formação humana, pela falta de exigência e moleza de autoridade a gerar o ambiente algo permissivo e pouco são de muitas Escolas. *Pragmáticamente* vale pelo título académico indispensável para singrar minimamente na vida — título de frequência, tempo empatado que, frequentemente, não corresponde à esperada e desejada competência.

Quando, recentemente, o Ministério voltou atrás com certas medidas de liberalismo académico (*laissez passer*) saí-me espontaneamente um suspiro de alívio. Não por se voltar atrás, que é dinâmica de caracol. Mas por um certo bater com a mão no peito enquanto, após reformas atrás de reformas, se reconhece que elas têm conduzido mais a um retrocesso na formação humana da nossa juventude, do que a real progresso.

Nas Casas do Gaiato, a Escola Primária funciona dentro; e aí o padre de cada Casa tem de bater-se como Comissão de Pais para que haja serviço e serviço sério.

Antigamente, tínhamos o direito de escolher os professores. Quando, no fim do antigo regime, se caminhava para alguma «democratização» (e julgo que a área da Educação ia na vanguarda relativamente a outras áreas estatais...) foi-nos tirado esse «privilégio». Como se fora privilégio numa Obra que tem um marcado projecto educativo e que é benemérita do Estado em várias áreas, nomeadamente na da Educação, ter uma Escola coerente com o citado projecto o que, obviamente, exige agentes capazes de o compreender e generosos para o pôr em acto!

Quantas diligências foram feitas, a todos os níveis do pelouro da Educação Nacional — e nada!

Afinal, damo-nos ao «luxo» de oferecer ao Estado tudo quanto é necessário para que uma Escola funcione e esta Escola, inserida no comum de todas as Escolas, serve, por exemplo, para que um professor nela se efective e depois arranje maneira de não ocupar o seu lugar, que um agregado irá snprir. Há muitos anos que sofremos esta fatalidade de um desfilar de professores, alguns bem bons e dedicados que queriam continuar com estes alunos e não podem porque sujeitos à lotaria dos concursos. Outros passaram e não deixaram saudades. Mas deixaram o vazio da continuidade, de uma relação humana que o tempo iria fortalecendo e é tão necessário a qualquer criança, mormente as nossas, todas elas portadoras de dramas terríveis que as trouxeram às nossas Casas do Gaiato.

Aqui, não tenho dúvida nenhuma, que esta é causa principal do *insucesso escolar*.

Se não, como é que há vinte e mais anos, quando para a mesma população escolar, com as mesmas características, havia só três professores (agora são sete!) e havia insucessos, sim, mas não *insucesso escolar*?!?

Quem dera estas linhas cheguem aonde seria bom que chegassem: aonde nos pudessem dar resposta e solução a esta angústia.

A verdade é que, em vez de acalmia, estes dias nos trazem amargura e prognóstico de mais amarguras.

Padre Carlos

# SETÚBAL

## Servir os Pobres com êxito é tarefa que só existe na cabeça de quem sonha e nunca fez nada por eles

NA minha pregação pelas praias do Sul, aos fins-de-semana deste estio, floreie sempre, com o argumento da palavra divina, o cuidado das famílias cristãs com a família degradada, como uma exortação de Jesus aos seus discípulos, os cristãos, neste Ano Internacional da Família.

A gente não elabora uma família com altos conceitos teológicos ou profundas reflexões pastorais. A gente não sabe, a gente não lê nada e o nosso contacto restringe-se aos Pobres.

Uma palavra simples explicando a vontade de Deus relativa a nós e àqueles que não têm capacidade para se erguerem na vida e necessitam da ajuda dos outros

O Evangelho não é outra coisa senão aprender a perdoar, a dar a mão e a confiar sempre.

Apresentei o exemplo de duas famílias perdidas a quem se dá auxílio indispensável, com muitos fracassos de permeio, algumas desilusões e, sobretudo, muita persistência alicerçada na certeza de que em cada Pobre vive o Senhor Jesus.

Pobres que não usem nem abusem de mentiras, exploração e fraudes, não os há. E nós é que somos os culpados,

porque não os socorremos como eles merecem e precisam.

Quem se propõe assisti-los conta logo com essas artimanhas. Pois que servir os Pobres com êxito evidentes é tarefa que só existe na cabeça de quem sonha e nunca fez nada por eles.

A iniciativa já aqui proposta, várias vezes, e de diversos modos, é a adopção de uma família degradada por um grupo de três a cinco famílias cristãs.

O verbo adoptar, quer dizer tomar sobre si. Ao seu cuidado. Fazer daquela família perdida uma parte da sua. Sofrer com a sua incapacidade, a ausência de princípios humanos, regras de trabalho, higiene, convívio familiar, ritmo normal de vida, educação, saúde, moral, fé, etc. Sofrer, sofrer, sofrer.

## Obra de misericórdia

O termo que encontrei para designar esta obra de misericórdia, a pôr em marcha neste Ano Internacional da Família, não exprime nada de jurídico nem institucional mas simplesmente um assumir com o coração.

Adoptar é amar deveras. Tal como um casal que adopta uma criança, a sente como nascida de si e por ela dá a vida, se necessário, assim o grupo de famílias se debruçará sobre uma família degradada, a tomará como sua e por ela amargará tudo o que for necessário aguentar, para diminuir o seu desequilíbrio e a promover humanamente.

Não nos ponhamos a gritar como os políticos: que vivemos numa sociedade em degradação progressiva, arredia dos valores do humanismo cristão, consumista, corrupta, etc.

Tomemos antes, nós os cristãos, acções que nascem directamente do Coração de Cristo, rico de humanidade e aceitemos os caminhos da plenitude de valores. Não é inédita a inspiração. Ozanam viveu-a com alguns companheiros, no seu tempo e a seu modo. Por esse modo além, de forma anónima e silenciosa, alguns têm seguido o apelo. Dor e amor são os ingredientes indispensáveis misturados com senso, para uma obra de tanto alcance. Em Setúbal, há mais de seis anos que um grupo de três famílias vive a experiência fecunda de adoptar uma família, com pai bêbado, desprovido de hábitos de trabalho e de economia, batendo na mulher e nos seis filhos e uma mãe perdida no mar da desgraça. Não tem sido um sucesso a sua acção.

Arrancaram-na de uma destruidora barraca e transferiram-na para uma casa digna, com espaço. Evitaram muito sofrimento. Cuidaram da escola e da alimentação das crianças e sobretudo travaram a íngreme e inevitável corrupção dos filhos. Com a persistente presença e a autoridade que a própria ajuda dá, têm quase obrigado o homem a trabalhar e a trazer para casa o salário ganho.

As três famílias, duas das quais com filhos jovens, têm crescido na Caridade e na Fé. Na humildade e no segredo de quem segue Jesus Cristo têm experimentado que o mundo melhora quando a gente melhora.

Após a homilia, no forte de Santa Catarina em Portimão, uma senhora de Lisboa veio partilhar a alegria da luz irradiada e a desolação: — *Padre, perto de onde eu moro, há mais de duzentas famílias degradadas e... ninguém... liga nenhuma!*

Padre Acílio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 300788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Setembro: 73.300 exemplares.